

Geraldo J. Amadeu Coelho Dias, OSB *

«O vinho alegra o coração do Homem» – O apreço do vinho na Bíblia

Do vinho fino do Porto ouvimos os enólogos, muitas vezes, afirmar que é um precioso néctar, dom dos deuses para nosso regalo. Em termos semelhantes nos fala a Bíblia do vinho em geral (Gn. 27, 28; 49, 11; Dt. 33, 28). É sinal da Aliança de Deus com o Seu povo de Israel (Ex. 29, 38; Nm. 15, 5; Lv. 23, 13), alegra o próprio Deus (Jz. 9, 13), substitui o sangue das vítimas (Dt. 32, 28), está unido à vida do homem e alegra-lhe o coração (Sl. 103, 15; Ecl. 9, 7). No Antigo e Novo Testamento, o vinho está relacionado com a vida, a alimentação, a alegria, a aliança, o sangue, a felicidade, o banquete escatológico no Reino de Deus.

A zona geográfica euro-asiático-africana, à volta do Mediterrâneo, é, desde a antiguidade, a região privilegiada para a viticultura e para a produção de vinho. Mas, a terra da Bíblia ou de Canaã, colocada no epicentro do Médio Oriente Próximo, fornece um terreno especialmente propício para a vitivinicultura. Bem o demonstra o conhecido texto do salmo bíblico ao dizer: «O vinho alegra o coração do homem» (Sl. 103, 15), antecipando-se ao hedonístico *Eclesiástico* a repetir, mais tarde, todo prazenteiro: «O vinho e a música alegram o coração» (Ecl. 40, 20). E, de facto, a Bíblia apresenta-nos uma curiosa narrativa etiológica sobre a origem da vinha e do vinho. Foi quando Noé, agricultor do período patriarcal pós-diluviano, depois de ter plantado uma vinha, se deixou embevecer com o saboroso néctar e se descompôs. Então, vendo o pai nú, os filhos deram-se conta de que ele estava etilizado, isto é, completamente embriagado. Foi o efeito da bebedeira paterna que proporcionou aos filhos de Noé e do mundo bíblico a descoberta do valor e dos efeitos do vinho (Gen. 9, 18-27). Com esta narrativa, tão realista mas cheia de fina ironia, o hagiógrafo procura desmitificar a origem da vinha e do vinho, que certas religiões antigas atribuíam aos deuses

(Baco, Adónis ou Dionísio). O texto genesíaco prova que tanto a videira como o vinho são fruto da terra e do trabalho do homem (Noé), aponta os efeitos negativos do excesso do vinho e justifica a rivalidade entre os judeus (semitas) e os cananeus (camitas) por causa do comportamento inconveniente de Cam. Desse modo, a maldição paterna de Noé caíra sobre Cam, que, em vez de cobrir a nudez do pai, se pôs a zombar dele (Gn. 9, 25-26). É assim, de forma etiológica, que a Bíblia projecta nas origens da humanidade pós-diluviana, que é como quem diz, nos começos da cultura (Neolítico), a inimizade entre hebreus e cananeus, entre judeus e árabes. A actual disputa entre judeus e palestinianos não passa, afinal, de consequência do secular síndrome de inimizade étnica, que a Bíblia explica e justifica por um incorrecto comportamento dum irmão face às vergonhas do mesmo pai. O tom poético da benção sobre os irmãos Sem e Jafet bem como da maldição sobre Cam é um sintoma do carácter arcaico e etiológico do texto «anedótico» que estamos a esburgar na sua significatividade (Gn. 9, 25-26). Canaã, familiar de Cam, será «escravo» ou súbdito dos seus irmãos de raça.

À luz da situação ecológica actual na terra de Israel, não se pode ajuizar bem da extensão da vitivinicultura, porque os muçulmanos, que, desde o século VII da Era Cristã, ocuparam a terra, por prescrição religiosa do Alcorão, são abstémios, não podem beber vinho e, por isso, deixaram de cultivar a vinha. Todavia, não há dúvidas, que a abundância das vinhas caracterizava a fertilidade da terra de Israel. Já uma estela do tempo de Amenófis III, faraó do Egipto (1417-1379 a.C.), falava da abundância de vinhas e figueiras em Canaã//Israel, como repetirão os livros bíblicos dos *Números* (Nm. 14, 79) e do *Deuterónimo* (Dt. 8, 7-10). Como não recordar a admiração dos exploradores enviados por Moisés a examinar a fertilidade do terreno de Canaã e a voltar carregados com um enorme e emblemático cacho de uvas? Assim se explica a etiologia do nome do vale de Escol, onde foi cortado o dito cacho, e que quer dizer preciamente «cacho de uvas» (Nm. 13, 23-24).

Digamos, desde já, que a viticultura e o vinho eram realidades já bem conhecidas da época patriarcal e até antes. Por isso, a Bíblia se refere a isso bastas vezes (Gn. 14, 18; 27, 25.37; 49, 11), apresentando a terra de Canaã//Israel como excelente para a viticultura (Dt. 6, 11; 8, 8), de que gaba, em especial, as vinhas do vale de Escol, perto de Hebrão e de Engadi, junto ao Mar Morto (Nm. 13, 23), sem esquecer o Líbano (Os. 14, 8) e a região de Damasco (Ez. 27, 18). Aliás, as colheitas da vinha, boas ou más, serviram muitas vezes aos profetas para mostrar ao povo judeu, na sua qualidade de povo eleito, o termómetro da ira ou da benção divina (Dt. 7, 13; 28, 30.39; Is. 5, 10; Os. 2, 11.14; 9, 2; Jl. 2, 24; Am. 5, 11; Sof 1, 13; Pr. 3, 10). De resto, o tema da vinha serve às maravilhas para ilustrar a eleição do povo bíblico: «A vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel e os homens de Judá são a planta de sua predilecção», vinha escolhida de Javé, como

belamente cantam os profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel (Is. 5, 1-7; Jr. 2, 21; Ez. 19, 10-14) e comentam o Sl. 79-80, 9-17 e Ecl. 2, 4.

Um dos textos proféticos mais belos e poéticos de toda a Bíblia é aquele em que o profeta Isaías compara a casa ou povo de Israel a uma vinha (Is. 5, 1-7). Nele se evidenciam todos os elementos enológicos e teológicos, desde a qualidade da terra, ao trabalho do homem e ao amor de Deus pelo Seu povo e à infidelidade deste. O hagiógrafo não deixa de realçar, de forma alegórica, o trabalho que é preciso desenvolver para que uma vinha israelita esteja capaz de dar fruto no tempo oportuno. Das operações do trabalho de viticultura, o profeta aponta a situação num outeiro fértil, a cava do terreno e o trabalho de apanha das pedras, a plantação de cepas seleccionadas, a edificação duma torre de vigia, a construção dum lagar. Depois de tantos cuidados e trabalhos, era legítimo esperar uma boa e abundante colheita, mas, por desgraça, tal vinha só deu abrolhos. Desta maneira tão realista e numa dimensão parabólica, a vinha vai ficar devastada e abandonada, tornou-se símbolo da rejeição e da maldição de Deus para com o seu povo. A invasão assíria de Tiglat Pileser III (744-727 AC) e seus sucessores estava eminente (Is. 22) e a deportação para a Assíria esperava o povo hebraico, bem como a guerra siro-efraimítica.

A vinha fomece também a Jesus Cristo o quadro literário duma alegoria (Jo. 15, 1-8) para explicar a íntima união vital e mística entre os que nele acreditavam e a sua pessoa: «Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse dará muito fruto» (Jo. 15, 5).

A terra quente de Canaã, de Israel ou da Palestina, como mais tarde se diria e ainda hoje em geral se diz, é particularmente adaptada para a viticultura. Por toda a «Terra Prometida», mas sobretudo nas colinas da Galileia à volta do lago de Genesaret, nas encostas de Judá viradas para o Mediterraneo e nos outeiros em redor de Belém e Hebrão, os vinhedos estendem-se numerosos e as videiras enchem-se de sumarentos cachos de uvas. Sem dúvida que a vinha dava muito trabalho; era preciso cavar, estrumar, regar, podar, cortar os ladrões e as ervas daninhas, defendê-la dos animais de pasto, mas o trabalho era compensado e transformava-se em alegria e consolação por altura das vindimas, ao som de cânticos (Is. 16, 10; Jr. 48, 33). A vinha tornou-se, por isso, um símbolo premonitório de felicidade e de paz. Com razão, a felicidade do homem bíblico ao lado duma mulher fecunda é comparada pelo salmista à videira carregada de uvas à porta de sua casa (Sl. 127, 3). Daí a expressão idílica «habitar debaixo da vinha» (Mq. 4, 4; Zc.3, 10; I Re. 5, 5; I Mc. 14, 12).

Porque a vinha era um bem, uma preciosidade mesmo, era obrigatório compensar os estragos que os animais de pasto causavam (Dt. 20, 6), como ficava dispensado do serviço militar obrigatório quem plantasse vinhas e delas ainda não tivesse colhido benefício (Dt. 2, 25). E para que o dom da vinha fosse compreen-

dido como dádiva de Deus antes do trabalho do homem, a Torá prescreve que não se faça a vindima em ano sabático ou de Jubileu (Lv. 25, 5.11) e que se deixassem cachos para o rebusco dos pobres (Dt. 24, 21).

Se os muçulmanos estão proibidos de beber vinho e bebidas alcoólicas, já os judeus, com apoio do seu livro sagrado da Bíblia, põem no vinho um indício de alegria e sucesso. Por esta razão, convém distinguir dois usos do vinho:

1º: *Uso comum ou profano*. No regime alimentar dos judeus dos tempos bíblicos, o vinho era considerado elemento conveniente e útil ao sustento da vida humana (Eclo. 39, 31), o vinho tinto, sobretudo, chamado «sangue das uvas» (דָּם עֲנַבִּים = *Dam anavim*, Gn. 49, 11; Dt. 32, 14; Eclo. 50, 15). Na realidade, os judeus fabricavam vinho tinto (אָדוֹם = *Adom*) e branco (לָבָן = *Lavan*), tanto um como outro próprio, quando natural, para a celebração do *Séder* pascal (כֶּשֶׁר לֶפְסַח = *Kécher lePésah*). O cultivo da vinha era, pois, uma tarefa comum desde os tempos pré-históricos, que veio a ganhar alcance religioso. As escavações arqueológicas, a cada passo, topam com ânforas, bilhas e lagares de vinho, cavados até na própria rocha. É perfeitamente normal que Jesus conhecesse a importância da vinha, como demonstram as suas parábolas didáticas. É também normal que Jesus não desdenhasse um bom copo de vinho e, sem dúvida, o terá saboreado nos banquetes e almoços em casa de Simão (Lc. 7, 34-50), de Mateus (Mt. 9, 9-13), de Zaqueu (Lc. 19, 1-10) e dos irmãos Lázaro, Marta e Maria (Jo. 12, 1-2). Talvez, por essa razão, tenha aceitado comprazido a acusação dos fariseus de ser «um comilão e beberrão, amigo de publicanos e devassos» (Mt. 11, 19; Cfr. 9, 11).

Para os tempos bíblicos, não há hipótese de quantificar a produção. Havia, é certo, vinho branco e tinto que era transaccionado em grandes jarras ou ânforas, tipo «oinokoé», inscritas com o nome do produtor ou vendedor, em jeito de propaganda, precedido do ל de posse. Pelo menos é o que a arqueologia nos tem revelado.

O vinho, sobretudo se misturado com ervas aromáticas, podia servir de antídoto contra depressões e preocupações (Pr. 31, 6; Jr. 16, 7), de remédio (Lc. 10, 34) e de lenitivo (Mc. 15, 3). Até S. Paulo o havia de o aconselhar a seu discípulo Timóteo como estimulante de digestão e males de estômago (I Tim. 5, 23).

Mas é evidente que o vinho tinha e tem os seus contras quando tomado em excesso. Provoca a bebedeira, a moleza e a luxúria (Pr. 20, 1; 23, 31-35; Ecl. 18, 33; 19, 2; Ef. 5, 18), desperta os apetites carnis ou sensuais (Ap. 17, 2), instiga à violência e ao homicídio (Eclo. 31, 20) e arrasta a miséria (Pr. 19, 1-2: «O operário dado ao vinho não se enriquecerá... O vinho e as mulheres fazem sucumbir até mesmo os sábios» (Gal. 5, 21; I Cor. 6, 10). Não é, portanto, de admirar que, por razões ascéticas, o vinho seja excluído da dieta dos recabitas (Jz. 35, 1-19) e dos nazireus, como Sansão e João Baptista (Nm. 6, 1-4; Jz. 13, 14; Am. 2, 12; Lc. 1, 15; 7, 33).

2º: *Uso religioso e simbólico* – No AT, o vinho, de per si, não constituía matéria autónoma de sacrifício; estava, sim, ligado à oferta de animais ou aos banquetes rituais, sobretudo aquando do banquete pascal. Será Jesus Cristo, antítipo do cordeiro pascal e verdadeiro «Cordeiro de Deus» (Jo. 1, 36), quem vai dar ao vinho da Última Ceia uma dimensão sagrada, instuindo-o como matéria religiosa da Eucaristia: «Bebei todos, porque isto é o meu sangue, o sangue da Nova Aliança» (Mt. 26, 27-28). Daí a razão por que na Igreja Católica o vinho puro da videira seja matéria necessária e indispensável do Sacrifício da Missa, tão cultivado até por ordens religiosas que, para terem a garantia da sua pureza, se encarregavam de o cultivar e negociar como elemento de culto.

A linguagem religiosa de Israel, dado o apreço do vinho na vida quotidiana, deu-lhe um alcance simbólico, como já vimos. O vinho puro simboliza as boas intenções religiosas (Is. 1, 22), o amor (Ct. 8, 2), a alegria, enquanto que as uvas amargas significam as más disposições (Is. 5, 2; Jr. 2, 21; 31, 29; Ez. 18, 2). O vinho novo, ainda com todo o espírito do álcool, é sinónimo de dinamismo e iniciativa, segundo aquele prolóquio de Cristo: «Para vinho novo, odres novos» (Mt. 9, 17). Contudo, o vinho também pode indicar a ira divina: «O Senhor tem na mão uma taça, cheia de vinho inebriante a espumar... Bebem-na todos os ímpios da terra» (Sl. 74-75, 9; Sl. 59-60, 5; Jr. 25, 15-29; Ap. 14, 10). Pode ainda significar a sedução para a prostituição (Ap. 14, 8, 17, 2).

De igual modo, a vinha, enquanto porção escolhida duma herdade, era símbolo do Povo Eleito de Javé, que Ele ora protege e defende, ora abandona e castiga (Sl. 79-80, 9-12; Is. 5, 1-4).

Pela sua fecundidade, a videira é imagem da Sabedoria divina (Eclo. 24, 17) e igualmente da mulher do justo abençoado em filhos: «Tua mulher como videira fecunda à porta da tua casa» (Sl. 127-128, 3). O ímpio, porém, será como videira lançada ao fogo para ser queimada (Jb. 15, 32-34).

Jesus, na maiêutica das suas parábolas, tão adequada à vida rural do seu tempo, servir-se-á de todos estes elementos, revelando aos homens da sua terra na linguagem e eidética do quotidiano os mistérios do Reino de Deus.

CONCLUSÃO

Muito do que aqui disse poderia ser alargado às grandes civilizações pré-clássicas e clássicas do Médio Oriente e da Europa. Penso, porém, que, num contexto antropológico-religioso como o de Portugal, a Bíblia fornece a melhor prova do apreço do vinho, para nós este maravilhoso vinho fino do Douro, que, aqui, nos reuniu. Discutir sobre as qualidades do terreno, o trabalho da vitivinicultura, as dificuldades e carestia da mão de obra, as propriedades das castas vinícolas, as

razões das boas e más colheitas, as técnicas de produção, os segredos de envelhecimento e conservação, o tratamento das pipas, o «marketing» de vendas e exportação, tudo isso deixo aos especialistas da vinicultura. Aqui, quis apenas, em termos mentais, mostrar como o vinho merece um tratamento dedicado e sagrado. Termino, cantando, em tom religioso, o «Vinho do Porto» com as palavras do poeta brasileiro Afrânio Peixoto ao saborear este divinal néctar, aquando duma visita ao Douro:

*«O vinho tem os seus passos:
É pisado no lagar,
E Deus que exalta os humildes
Fá-lo bebido no altar!»*